

RESGATE HISTÓRICO DA MISOGINIA E A CONSTRUÇÃO DO PAPEL FEMININO

HISTORICAL RECOVERY OF MISOGYNY AND THE CONSTRUCTION OF FEMININITY

¹SENE, Mariele Vilela de; ²KOBORI, Eduardo Toshio

Departamento de Psicologia – Centro Universitário das
Faculdades Integradas de Ourinhos-Unifio/FEMM

RESUMO

Esse trabalho propõe um resgate histórico e social da construção do conceito de feminino, do surgimento da misoginia e dos papéis sociais ocupados por mulheres, analisando o percurso percorrido e seus impactos e manifestações na atualidade. Para tal, foi realizado um trabalho de revisão de literatura narrativa, a partir de livros e artigos científicos relacionados à temática. Os textos foram analisados a fim da construção de um debate sobre os impactos sociais nas mulheres dentro das estruturas sociais e relações de poder vigentes na sociedade.

Palavras chaves: misoginia, estruturas sociais, impacto social.

ABSTRACT

This study proposes a historical and social recovery of the construction of the concept of the feminine, the emergence of misogyny, and the social roles occupied by women, analyzing the trajectory and its impacts and manifestations in the present day. For this purpose, a narrative literature review was conducted, based on books and scientific articles related to the theme. The selected texts were analyzed with the objective of fostering a debate on the social impacts experienced by women within prevailing social structures and power relations.

Keywords: misogyny; social structures; social impact.

INTRODUÇÃO

O papel social do feminino na contemporaneidade é resultado de um processo histórico complexo, marcado por transformações econômicas, políticas e socioculturais, que acompanharam o desenvolvimento da humanidade. Sua atribuição às funções de cuidado do lar, de criação dos filhos e sua consequente exclusão da participação social e política são um produto dos processos de produção do conhecimento ao longo de distintos períodos históricos e em diversas culturas (Moterani; Carvalho, 2016). Os primeiros relatos desse prejuízo histórico datam do século VIII a. C., no Mediterrâneo, onde as mulheres eram retratadas nos mitos gregos que buscavam compreender a existência e o sentido da humanidade. Neles, elas eram colocadas como as responsáveis por todo o sofrimento humano, a infelicidade e a morte (Holland, 2010). As culturas que seguiram posteriormente se apropriaram dessas histórias, as adaptando e as aplicando para seus contextos. Elas se tornaram um organizador social, que visava a manutenção de uma estrutura que favorecia quem estava no poder – os homens brancos (Zanello, 2018).

Observa-se na sociedade contemporânea os impactos dessa construção através da violência cotidiana sofrida pelas mulheres, enraizada no imaginário social e coletivo, as submetendo à dominação masculina. Essa violação manifesta-se de forma velada na linguagem diária, nas expressões, nos estereótipos e em outras situações rotineiras (Silva, 2010). Holland (2010), afirma que a misoginia é um preconceito que está tão presente na sociedade que se torna difícil de ser notada. Atravessando diversas civilizações em diferentes períodos, ela representa a continuidade de um único sentimento de ódio, de Aristóteles a figuras violentas como Jack, o Estripador. Assim, consolidou-se uma sociedade favorável aos homens, na qual estes puderam exercer poder e autoridade sem serem contestados.

Na atualidade, a misoginia se organiza de maneira adaptada ao contexto contemporâneo através de movimentos que propagam discursos de ódio contra mulheres e contra o movimento feminista. Esses movimentos têm ganhado força e se organizado através de sites e fóruns digitais, cenário que, devido a falta de regulamentação, tem sua propagação de ideais extremos facilitada, sem o receio de serem punidos. Suas consequências vão desde a disseminação de violências sutis e cotidianas até violências extremas (Ruffo; Costa, 2024).

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento desta pesquisa, adotou-se o método de revisão de literatura narrativa. Conforme apontam Cordeiro et al. (2007), essa modalidade de investigação acadêmica caracteriza-se por apresentar uma temática mais ampla, não partindo de uma questão específica e bem delimitada. Sob essa perspectiva, a análise foi direcionada à textos já publicados dentro da temática inicialmente proposta, a origem da misoginia e o caminho percorrido para a formação do conceito de feminino, além dos impactos sociais ocasionados pelo ódio a mulheres e suas formas de controle, visando a construção de um debate a partir do entrelaçamento dos caminhos percorridos pelos autores.

Entre os principais autores utilizados, está Jack Holland, escritor e jornalista, que propõe na obra *Una breve historia de la misoginia: el prejuicio más antiguo del mundo* (2010) fazer um resgate da origem do ódio voltado às mulheres a partir da análise de materiais coletados durante sua pesquisa; Elizabete Bicalho, professora e socióloga, traz a discussão em sua tese de mestrado *A nódoa da misoginia na*

naturalização da violência de gênero: mulheres pentecostais e carismáticas (2001) para os impactos dentro das religiões cristãs no Brasil; além de Moterani e Carvalho, Ruffo e Costa, Zanello, Louro e outras autoras que debatem sobre os impactos desse preconceito histórico na sociedade atual.

DESENVOLVIMENTO

Os gregos são os primeiros colonizadores intelectuais que se tem registros e seus mitos foram amplamente utilizados para buscar responder questionamentos sobre a existência e a origem da humanidade, entre outras perguntas de ordem naturais e sociais, sendo sua política perpetuada até a atualidade (Holland, 2010). A misoginia, o ódio ou o desprezo direcionado às mulheres, está presente nesses discursos e crenças e seus primeiros registros datam VIII a. C. onde, ao buscarem representar a origem da humanidade através dos mitos, retratam que a primeira mulher foi criada por Zeus para punir os homens por terem ousado desafiar os deuses, como relata Schott (1996, p. 40):

Pandora, a primeira mulher, foi criada por Zeus para se vingar de Prometeu pelo seu crime de roubar o fogo. Conforme os desígnios dos deuses, Pandora seria de bela aparência e plena de maldade em seu coração. Os deuses deram à Pandora um cântaro contendo os males e enfermidades do mundo. Entre outros males, Pandora traz a cruel lição do malogro para os homens, que descobrem demasiado tarde que o que é belo por fora abriga o mal no interior. A lenda de Pandora simboliza a percepção grega de que o mal da morte está oculto por baixo da bela aparência da vida. Dado que a raça de mulheres irradiou-se a partir de Pandora, as mulheres carregam a nódoa do mal atribuído ao ato de Pandora (Schott, 1996, p. 40):

De acordo com a narrativa, além de sua criação ser uma forma de punição para o homem, o erro de Pandora foi responsável por causar a liberação de todos os males do mundo sobre a humanidade, fadando todos a dor, a morte e ao sofrimento. Dessa forma, a figura feminina está envolta em desconfiança desde a origem da humanidade. As concepções trazidas nessas histórias, através do poder simbólico do mito, mantiveram-se presentes até a idade moderna (Holland, 2010).

Enquanto pioneiros na colonização intelectual, os mitos gregos tiveram grande influência para a construção da civilização ocidental que viria a seguir. Dessa forma, suas crenças foram endossadas nos ensinamentos cristãos, que adaptaram a história contada, de maneira que a culpa continuou de uma figura feminina. Nas histórias cristãs que buscavam narrar a origem do mundo, a primeira mulher criada

por deus, Eva, come o fruto da árvore que lhe era proibida e causa a expulsão dela e de seu companheiro do paraíso, condenando a humanidade a uma vida de sofrimento a à morte, assim como Pandora (Holland 2010).

A influência do cristianismo moldou os papéis sociais através das transformações que acompanharam a humanidade, como um estruturador da vida ocidental e um organizador da moral social. Dessa forma, a identidade feminina seguiu moldada por uma visão de culpada, a distanciando do que era sagrado, e a fazendo se sujeitar ao sofrimento e a figura do homem para obter o perdão pelos seus pecados, como se de fato tivesse cometido um erro (Bicalho, 2001). Bicalho (2001, p. 28) afirma que “do mesmo modo dos mitos gregos, por ser a grande causadora do sofrimento da humanidade, a mulher deve sofrer, se resignando e buscando se afastar do mal que carrega”. Se instaura na mentalidade universal, através de signos e símbolos, o feminino como o mal, norteando as práticas e os valores do mundo moderno (Moterani; Carvalho, 2016).

Apesar de movimentos sociais que traziam fortes questionamentos acerca da estrutura social que perpetuava essas formas de exclusão à mulheres e outros grupos marginalizados ganhar força no século XVIII, conhecido como século das luzes, a misoginia e outras formas de preconceito continuaram atuando. Motivados por crises financeiras e revolta pelas desigualdades, que não eram exclusivas da mulher, se inicia um período de grandes transformações sociais na Europa, refletindo posteriormente no restante do ocidente (Silva, 2010). A Revolução Industrial, que se estendeu até meados do século XIX, foi um dos principais marcos na busca por mudanças estruturais da sociedade, pois foi através dela e da crescente de um novo modelo político, o capitalismo, que se possibilitou a mobilidade social. Sabe-se, entretanto, que essa mobilidade não se estendeu a todas as parcelas da população (Laqueur, 2001)

A partir desse período, formou-se a falsa ideia de que esses grupos marginalizados, como a população feminina, poderiam conquistar espaços que antes não faziam parte. Entretanto, a igualdade não virou uma realidade e esses grupos continuaram reféns da estrutura e das relações de poder, endossando a necessidade de se submeterem a condições diversas para ocuparem espaços de relevância. Além disso, sabe-se que a depender de suas posições e classes sociais, os níveis de violência poderiam ser maiores ou menores (Zanello, 2023). Nesse contexto, se tem início um movimento organizado por mulheres pela luta pelos seus direitos. Apesar

de esse não ser o primeiro registro de ações que lutavam contra a opressão das mulheres, o início do feminismo é remetido a esse momento de movimento, que viria a lutar pela conquista de cada vez mais espaços, se organizando em diferentes ondas. Após a conquista de direitos fundamentais, o movimento se volta para discussões teóricas, visando compreender a origem e os impactos da repressão histórica (Louro, 1997).

Compreende-se, portanto, que a concepção contemporânea da mulher se configura como um processo marcado por transformações econômicas, políticas, sociais e culturais ao longo da história da humanidade (Boris; Cesídio, 2007). Ao pensar nas bases que refletem as construções sociais que acabam por moldar a subjetivação da mulher, observamos que novos mecanismos surgem para a manutenção das relações de poder e as sujeitando a outras formas de controle social, como o culto a beleza, onde seu valor social é atribuído ao corpo como um capital de prestígio (Zanello, 2023).

Dentro dessas novas formas de exercer a misoginia, se organizam também os grupos que propagam o ódio às mulheres, se mascarando atrás de uma luta contra a suposta opressão dos homens, que tiveram seus espaços ameaçados com a crescente das conquistas femininas, os desvalorizando. O termo *incel* é derivado da expressão celibatário involuntário (em inglês, involuntary celibate) e atualmente é uma das principais representações desses grupos, formado em sua maioria por homens e garotos que encontram dificuldades de estabelecerem relações amorosas e vínculos afetivos. O amplo espaço virtual possibilita que se formem grandes comunidades propagando discurso de ódio contra mulheres (Ruffo; Costa, 2024).

Assim como a origem da misoginia descrita por Holland (2010) afirmava que a figura feminina constantemente era associada a figuras malignas e indignas de confiança, esses grupos propagam discursos que a colocam na mesma posição. Ruffo e Costa (2024) afirmam que esses grupos constantemente objetificam sexualmente as mulheres, minimizando ou justificando as violências sofridas por elas e as colocando como manipuladoras, pois em sua visão, visam controlar os homens através de sua sexualidade, sendo figuras que merecem a desconfiança e a dominação dos homens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A misoginia, portanto, não é um fenômeno isolado e se constitui como um processo histórico construído através de mitos e crenças religiosas, que embasaram as estruturas sociais e moldaram a concepção do feminino ao longo da história. As narrativas que visavam explicar a origem da humanidade não apenas atribuíram à mulher a responsabilidade pelo sofrimento humano, mas também consolidaram práticas e valores que legitimam sua subordinação, perpetuando desigualdades e violências cotidianas. A existência desse imaginário simbólico apresenta a construção social do gênero, influenciando as relações de poder, limitando a liberdade feminina e naturalizando a dominação masculina, se transformando junto da sociedade e encontrando novas formas de manutenção dessa violência.

REFERÊNCIAS

- BICALHO, E. **A nódoa da misoginia na naturalização da violência de gênero: mulheres pentecostais e carismáticas**. 2001. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2001. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/963>.
- BORIS, G. D. J. B.; CESÍDIO, M. H. Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, v. 7, n. 2, p. 451–478, 2007.
- CORDEIRO, A. M.; OLIVEIRA, G. M. de; RENTERÍA, J. M.; GUIMARÃES, C. A. Revisão sistemática: uma revisão narrativa. **Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões**, v. 34, n. 6, p. 428–431, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-69912007000600012>.
- HOLLAND, J. **Una breve historia de la misoginia: el prejuicio más antiguo del mundo**. México: Editora Oceano, 2010.
- LAQUEUR, T. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- MOTERANI, G. M. B.; CARVALHO, F. M. Misoginia: a violência contra a mulher numa visão histórica e psicanalítica. **Avesso do Avesso**, v. 14, n. 14, p. 167–178, 2016.

RUFFO, E. S.; COSTA, P. J. Os incels, a desesperança e a misoginia: um estudo psicanalítico. **Mosaico – Revista Multidisciplinar de Humanidades**, Vassouras, v. 15, n. 3, p. 259-271, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.21727/rm.v15i3.4923>.

SCHOTT, Robin. **Eros e os processos cognitivos**. Rio de Janeiro, RJ: Rosa dos Tempos, 1996.

SILVA, S. G. da. Preconceito e discriminação: as bases da violência contra a mulher. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 30, n. 3, p. 561, 2010.

ZANELLO, V. **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação**. Curitiba, PR: Appris, 2018.

ZANELLO, V. **A prateleira do amor: sobre mulheres, homens e relações**. Curitiba, PR: Appris, 2023.